

# FH aceita a agenda do Congresso

■ Descontraído, no aniversário de Rafael Greca, presidente afirma que prioridade à reforma política não prejudica a reforma tributária

ROSÂNGELA BITTAR

BRASÍLIA – O presidente Fernando Henrique Cardoso não faz qualquer restrição à agenda que os presidentes do Senado, Antonio Carlos Magalhães, e da Câmara, Michel Temer, querem executar agora, sem interferências do Executivo, para votar em primeiro lugar a reforma tributária e só depois a reforma política. “Acho muito bom que façam. Me fariam um favor se votassem também a regulamentação das medidas provisórias”, disse, numa conversa em roda de amigos, na presença de jornalistas, quarta-feira à noite, na festa que o embaixador João Augusto de Medicis e Adriana ofereceram para comemorar os 43 anos do ministro do Esporte e Turismo, Rafael Greca.

O presidente vinha realmente dando mais ênfase à votação da reforma política, mas acha que uma coisa não anula a outra e o que o Congresso fizer, está bem. “Não há divergência, o Temer ecoou o meu discurso”, disse, ao comentar o discurso que o presidente da Câmara tinha feito pouco antes para defender a inversão de prioridades. Ele não tinha ouvido mas já sabia do que se tratava.

Não há inconveniente nesta reação do Congresso, diz o presidente. Quando lhe perguntaram se esse apoio à agenda que dá prioridade à reforma tributária tinha um toque de ironia, respondeu que não, em absoluto. É possível, entende ele, votar a reforma política com os quatro projetos de lei já definidos – fidelidade partidária, voto distrital misto, proibição de coligações nas eleições proporcionais e cláusula de desempenho partidário.

**Conciliador** – E, ao mesmo tempo, tentar levar adiante a reforma tributária. Esta, sim, difícilíssima, tanto que não se dá um tostão por ela nos quatro cantos da Esplanada apesar de toda a prioridade atribuída pelo Congresso e dos votos de apoio do presidente. Diz-se que, no fundo, o governo federal não a deseja.

De qualquer forma, estas conciliatórias reflexões foram as únicas a respeito de questões de estado feitas pelo presidente nesta noite de conversas exclusivamente amenas. O drama da economia não marcou presença, a não ser por um rápido comentário sobre a discussão a respeito do salário mínimo, que o presidente considera extemporânea: até maio ainda há muitos acontecimentos com influência sobre esses cálculos.

Fernando Henrique foi pressionado a revelar o nome do novo presidente da Petrobras, a mais esperada nomeação de segundo escalão

que fará em breve, mas resistiu.

“Quantas pessoas sabem quem é o presidente da Petrobras?”, perguntaram ao presidente.

“Nenhuma, só eu sei. Nem o próprio sabe”, respondeu, deixando no ar que ainda não fez o convite e informando que pretende indicar o presidente da Petrobras só depois da instalação do Conselho de Administração, dia 24 próximo.

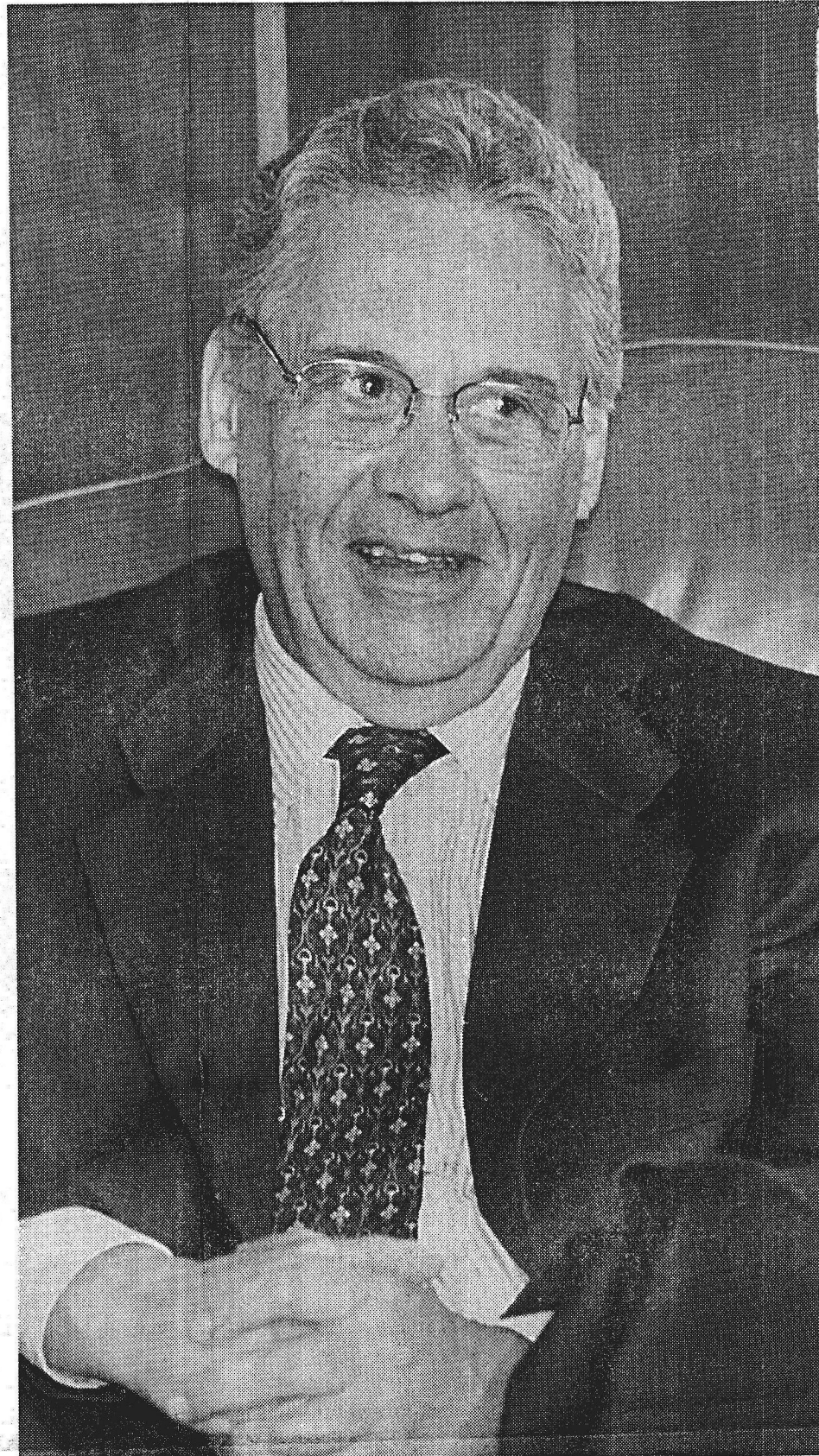
Fernando Henrique também provocou seus interlocutores, a começar pelo senador Jorge Bornhausen, presidente do PFL, de quem se contam histórias recentes de divergências com o maior líder do partido, Antonio Carlos Magalhães. Ao entrar na saleta onde o presidente se encontrava ao redor de uma mesa de dez lugares, Bornhausen recebeu de pronto a informação: “Estavam aqui falando mal do PFL, mas eu defendi dizendo que o partido está mais unido que nunca”.

**Lordes** – Bornhausen, também, por caminhos transversos, tratou de desfazer intrigas sobre suas relações com ACM. Disse que a CPI do Judiciário vai sair, que será certamente a base para uma reforma profunda deste poder e que já se ofereceu para representar o partido na comissão. “Antonio Carlos não ia botar a cara para pedir CPI que não vai acontecer, e não o faria também se não tivesse fatos concretos a apresentar”. Fernando Henrique acrescentou: “Não me meto, é outro poder, são outros poderes”...

O senador reteve a atenção dos convidados e do presidente contando suas impressões sobre o que chamou de novo Senado, pós TV-Senado, que transmite, full-time, todas as sessões plenárias. Os senadores ficaram muito mais agressivos, falam muitas vezes ao dia sobre o mais diferentes assuntos. O Senado já não é a casa de amável convivência, disse um dos convidados. “Dos lordes”, lembrou o presidente.

Lars Graef, o iatista que aceitou convite para trabalhar como assessor de Greca e estava naquela noite estreando na corte brasiliense, disse ao presidente, na roda de conversas, que deveria ser criada para o esporte uma lei de incentivo como a Lei Rouanet foi para a cultura. “Já sei, o governo federal entra com a renúncia fiscal”, brincou Fernando Henrique antes de dar a Graef o caminho das pedras: “O Rubens Barbosa (embaixador do Brasil em Londres) pode mandar um material de informação importante para você porque a Inglaterra tem um bom modelo de financiamento do esporte”.

Gilberto Alves – 9/3/99



FH preferiu não entrar na briga ACM x Judiciário: “Não me meto. São outros poderes”